



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Ações e Implicações para a (Ex) Inclusão 2

 **Atena**
Editora

Ano 2020

The cover features a vertical wooden grain background. A thick, braided rope, composed of light and dark grey strands, runs vertically down the center. A dark grey curved shape in the upper left contains the author's name. The title is printed in large white font on a dark grey curved shape at the bottom. The publisher's logo and year are at the very bottom.

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Ações e Implicações para a (Ex) Inclusão 2

 **Atena**
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A185 Ações e implicação para a (ex) inclusão 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: Word Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-17-1

DOI 10.22533/at.ed.171200403

1. Brasil – Política social. 2. Cidadania – Brasil. 3. Exclusão social – Brasil. 4. Pobres – Estudo de casos. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.

CDD 305.560981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O que significa “educar”? Para muitos autores no campo da Educação sua forma e aplicação é de diferentes maneiras, na compreensão dos diversos processos que envolvem a aprendizagem, o ensino, a transmissão, a socialização. Sabemos que a educação não se dá apenas na escola – instituição que segue um certo tipo de comunicação e de relação com a autoridade (escolar) preocupada com as possibilidades de progressão linear de estudantes (de uma classe para outra). Passar por novas experiências na forma de aprender-e-ensinar, experiências pluridirecionais de transmissão, não apenas naquela tradicional de professor-aluno, sendo o aluno um receptáculo, a incorporação de outros saberes ao currículo, dinâmicas contemporâneas de processos educativos são alguns temas que têm mobilizado pesquisas no campo da Educação. Este e-book “Ações e Implicação para a (Ex) Inclusão 2”, dedicado ao tema “Educação e questões de como se organiza em torno de reflexões acerca do fazer científico e da relação entre dois campos Exclusão e Inclusão. Os artigos aqui reunidos fazem pensar sobre o lugar que assume o método e os pressupostos epistemológicos na produção das questões que envolvem objetos que tocam aos dois campos tanto na perspectiva da interação/aproximação, quanto na perspectiva das fronteiras teórico-conceituais. Discutem, em diferentes perspectivas, como a (Ex) Inclusão e a suas diferentes abordagens constituem importantes aportes teóricos e metodológicos para a produção de conhecimento fundado na transformação de formas de investigação e de outras possibilidades de enunciação. As experiências de campo, pesquisas originais desenvolvidas em diferentes contextos sobre processos educativos/culturais diversos, nos convida a refletir sobre o que o conhecimento “aproximado” da realidade pode nos revelar sobre o Outro e sobre Nós mesmos.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões sobre o lugar do pesquisador e da pesquisa na produção em Ações e Implicação para a (Ex)Inclusão 2.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR ESCOLAR PARA POTENCIALIZAR O PROCESSO DE BRINCAR DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Fabiane Araujo Chaves Thacio Azevedo Ladeira	
DOI 10.22533/at.ed.1712004031	
CAPÍTULO 2	11
A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Edivaldo Lubavem Pereira Eduardo Gonzaga Bett	
DOI 10.22533/at.ed.1712004032	
CAPÍTULO 3	24
A REFLEXÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Ivan de Oliveira Silva Silvia Carbone Denise de Almeida Robson Paz Vieira Franklin Portela Correia	
DOI 10.22533/at.ed.1712004033	
CAPÍTULO 4	32
A INCLUSÃO ESCOLAR E O USO DO NOME SOCIAL POR ALUNOS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS MENORES DE IDADE	
Cilene Angelica Peres	
DOI 10.22533/at.ed.1712004034	
CAPÍTULO 5	53
ALUNOS COM AUTISMO O RECONHECIMENTO DE SUAS IDENTIDADES NA CONCEPÇÃO DO DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM	
Marco Antonio Serra Viegas	
DOI 10.22533/at.ed.1712004035	
CAPÍTULO 6	65
AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR	
Sonia Ribeiro de Lima Solange de Castro Elisabeth Rossetto	
DOI 10.22533/at.ed.1712004036	
CAPÍTULO 7	74
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO COM UM ALUNO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO	
Silvia Raquel Schreiber Boniati Idorlene da Silva Hoepers	

CAPÍTULO 8 87

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR: VIVENCIANDO DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA REDE DE ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO

Judith Mara de Souza Almeida

Luana Tillmann

DOI 10.22533/at.ed.1712004038

CAPÍTULO 9 95

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO OFERTADO AOS ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO DE SANTARÉM

Patrícia Siqueira dos Santos

Eleny Brandão Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.1712004039

CAPÍTULO 10 108

ATUAÇÃO DA GESTÃO ESCOLAR NA INCLUSÃO SOCIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Edivaldo Lubavem Pereira

Eduardo Gonzaga Bett

Piery Teza

Tatiani Fernandes Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.17120040310

CAPÍTULO 11 119

ATENDIMENTO PEDAGÓGICO DOMICILIAR: UM PROCESSO DE INCLUSÃO

Silvia Cristina Pereira dos Santos

Renata Souza Vogas

Cintia Soares Romeu

Geilsa Soraia Cavalcanti Valente

DOI 10.22533/at.ed.17120040311

CAPÍTULO 12 132

AVALIAÇÃO E IMPLICAÇÕES PSICOMOTORAS EM ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Maria Beatriz Campos de Lara Barbosa Marins Peixoto

Jair Lopes Junior

Vera Lucia Messias Fialho Capellini

DOI 10.22533/at.ed.17120040312

CAPÍTULO 13 140

CONCEPÇÕES DE GESTORES SOBRE A INFRAESTRUTURA PARA O ATENDIMENTO DO ALUNO PAEE

Camila Elidia Messias dos Santos

Vera Lucia Messias Fialho Capellini

Kátia de Abreu Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.17120040313

CAPÍTULO 14 149

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INCLUSÃO SOCIAL: ATIVIDADES LÚDICAS APLICADAS AO DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Jôsi Mylena de Brito Santos
Larissa Gonçalves Moraes
João Carlos dos Santos Duarte
Natália Cristina de Almeida Azevedo
Erika da Silva Chagas
Vânia Silva de Melo

DOI 10.22533/at.ed.17120040314

CAPÍTULO 15 160

ENTRE ATOS E FATOS: DA DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-RACIAL A CONSCIENTIZAÇÃO HUMANÍSTICA EM UM CAMPUS UNIVERSITÁRIO

Isadora Polvani Barbosa
Lucy Verônica Mendes Garcia David
Marcio Roberto Ghizzo

DOI 10.22533/at.ed.17120040315

CAPÍTULO 16 169

ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR CRÍTICA NUMA ESCOLA DO CAMPO: APRENDIZADOS E DESENVOLVIMENTOS MÚTUOS

Caroline Boaventura Czelusniak
Roger Alloir Alberti
José Alexandre de Lucca

DOI 10.22533/at.ed.17120040316

CAPÍTULO 17 178

DO PIQUE PEGA ÀS GARGALHADAS: APRENDENDO COM AS DIFERENÇAS

Lívia Mello Lopes de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.17120040317

CAPÍTULO 18 189

INCLUSÃO E PERTENCIMENTO: APROPRIAÇÕES DE HISTÓRIAS EM UM AMBIENTE DE ESCOLARIZAÇÃO

Caroline Boaventura Czelusniak
Roger Alloir Alberti
José Alexandre de Lucca

DOI 10.22533/at.ed.17120040318

CAPÍTULO 19 201

POSSIBILIDADE RUMO À INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO IFRS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cláudia Terra do Nascimento Paz
Cláudia Medianeira Alves Ziegler

DOI 10.22533/at.ed.17120040319

CAPÍTULO 20 211

PARATY: POR UMA EDUCAÇÃO DECOLONIAL

Waleska Souto Maia

Mariana Roque Lins da Silva
Erica Silvani Souza
Isabel Rodrigues Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.17120040320

CAPÍTULO 21 220

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS NA ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA
EM COMUNIDADES QUILOMBOLA E PESQUEIRA

Mequias Pereira de Oliveira
Odinilton Pacheco de Deus
Raquel Amorim dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.17120040321

CAPÍTULO 22 234

CONCEPÇÕES DE PAIS COM FILHOS COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO SOBRE O ENTENDIMENTO DOS PAIS ACERCA DAS
DEFICIÊNCIAS NA CIDADE DE BELÉM (PA)

Marcelo Marques de Araujo
Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo
Isabel Lopes Valente

DOI 10.22533/at.ed.17120040322

CAPÍTULO 23 248

AMARRAS E ARMADILHAS DO CURTA DE ANIMAÇÃO *CUERDAS*

Lidnei Ventura
Simone De Mamann Ferreira
Klalter Bez Fontana

DOI 10.22533/at.ed.17120040323

CAPÍTULO 24 258

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E INCLUSÃO DE SURDOS NA UNIVERSIDADE A
PARTIR DO EVENTO ARTES & LIBRAS EM CICLO

Natália Schleder Rigo
Bianca de Oliveira
Érica Caléfi

DOI 10.22533/at.ed.17120040324

CAPÍTULO 25 276

EDUCAÇÃO SEXUAL: AÇÕES E IMPLICAÇÕES PARA A (EX)INCLUSÃO DA
SEXUALIDADE, DO CORPO E DO GÊNERO E DE SUAS EXPRESSÕES

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Melissa Camilo
Débora Cristina Machado Cornélio
Valquiria Nicola Bandeira
Carlos Simão Coury Corrêa
Andreza De Souza Fernandes
Marilurdes Cruz Borges
Monica Soares
Fernando Sabchuk Moreira

DOI 10.22533/at.ed.17120040325

SOBRE A ORGANIZADORA.....	300
ÍNDICE REMISSIVO	301

A REFLEXÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Data de aceite: 20/02/2020

Ivan de Oliveira Silva

Doutor e Mestre em Direito, com estudos de pós-doutorado em Democracia pela Universidade de Coimbra. Mestre em Ciências da Religião. Bacharel em Direito, Filosofia e Teologia. Autor de vários livros. Professor e coordenador dos cursos de Segurança Pública e Gestão Pública em EAD do Centro Universitário Braz Cubas.

Silvia Carbone

Doutora e Mestre em Antropologia pela PUC/SP. Graduação em Serviço Social pela PUC/SP. Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Complexidade. Coordenadora e professora do curso de Serviço Social em EAD do Centro Universitário Braz Cubas.

Denise de Almeida

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Semiótica, Tecnologia da Informação e Educação pela Universidade Braz Cubas. Graduação em Pedagogia e Letras. Coordenadora e professora dos cursos Pedagogia e Letras em EAD do Centro Universitário Braz Cubas.

Robson Paz Vieira

Mestre em Ciência e Tecnologia pela Universidade Mogi das Cruzes. Mestre em Liderança pela Universidade Santo Amaro. Bacharel em Ciências da Computação. Coordenador dos cursos de Gestão e Tecnologia em EAD do Centro Universitário Braz Cubas.

Franklin Portela Correia

Mestre em Educação pela Universidade Metodista. Graduado em Tecnologia da Informação. Coordenador de Inovação em EAD do Centro Universitário Braz Cubas.

RESUMO: O presente artigo apresenta três eixos interligados de reflexão sobre a educação no Brasil. O primeiro eixo abarca a construção da educação no Brasil sob o prisma da político-social do processo histórico. O segundo eixo, propõe o debate sobre as relações conflitantes ente as categorias emprego e trabalho e em como as universidades corroboram para o processo de inclusão e exclusão sócia. Por fim, o terceiro eixo abarca os debates dos anteriores, aludindo que a globalização é o processo que resulta no consumo, inclusive da educação e da formação acadêmica. O objetivo principal é a reflexão dos tempos - líquidos – que vivenciamos nas IES. A Metodologia empregada é o estudo bibliográfico, com aprofundamento de resultados de pesquisas precedentes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Trabalho e emprego; sociedade de consumo; globalização; educação á distância.

1 | INTRODUÇÃO

Sísifo foi condenado, após a morte, a passar a eternidade dos tempos a trabalhar

arduamente, o moto-contínuo deste processo resulta nas ousadias e revoltas que o Herói tece em sua trama de vida. A referência, presente diretamente apenas na epígrafe e implicitamente em todo texto, está na representação clara da atividade cíclica que todos nós, professores, refletimos sobre os tempos atuais.

A educação passa por transformações significativas. A construção histórica da educação no país nos dá indícios dos caminhos que serão percorridos, como resultado da trajetória política vivenciada pela história.

A educação é apresentada, no artigo, como a via de muitas mãos. Mãos que educam, incluem e excluem. A relação de trabalho e emprego apresentada aqui sob a perspectiva da reflexão antropológica nos dá pistas sobre a formação proposta pelas IES.

Por fim, o debate filosófico acerca da globalização como reflexo nas sociedades de consumo, reflete a imagem narcísica de uma sociedade ou sistema que precisa ao menos ser pensada.

2 | BREVE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A educação sempre esteve presente no desenvolvimento da humanidade. A passagem do estado de natureza para o estado de cultura proporciona à humanidade a necessidade de convivência em grupo e com isso a organização social, criação de regras, ou seja, a educação.

A educação impõe coercitivamente os hábitos e costumes de um povo, grupo ou família. A medida do desenvolvimento das sociedades e avanço das civilizações a educação transpassa os muros privados para os espaços públicos, impondo condutas morais, regras de comportamento e de vida social. A cada constituição de Estado, há ao longo da história uma condução na educação informal.

As instituições totais (GOFFMAN, pg 2001) determinam de forma clara o comportamento por meio das institucionalizações de regras e condutas. Esse é o processo que formalizará a educação, como espaço social – oficial- de formação.

A necessidade de formar, atendendo aos ditames do regime vigente e, independente do período histórico se determina a formação das escolas ou centros de ensino. Esses espaços de institucionalização da educação impõem a composição dos grupos participantes e quais as informações necessárias para a formação desses indivíduos.

Assim a fragmentação do conhecimento começa com a formação das escolas – com a proposta do ensino formal.

Há várias propostas de escolas e formas de ensinar. O cabe neste debate é a proposição: para quem estas escolas ensinam?

A constituição das sociedades são iminentemente políticas, a educação formal, não foge á regra. A escola em seu papel político determina a quem se destina o conhecimento formal, que será utilizado para a vida em sociedade.

Assim, independente do regime político, a educação formal, cumpre um papel essencial de manutenção do poder.

Pertence ao sistema político vigente a construção das identidades sociais e a educação formal cumpre seu papel na consolidação coercitiva das escolas.

As escolas divididas em níveis, da pré-escola ao ensino universitário, são instrumentos de manutenção e disseminação das ideologias dominantes, independente do período histórico.

Assim, é pressuposto que além de conteúdo as escolas formas pessoas e representações de classes, diferentes conforme região e o *status quo*.

A constatação histórica nos permite analisar que as formações das grandes cidades industriais corroboram com a consolidação dos eixos educacionais do sistema capitalista.

Quanto mais distante das grandes capitais – sinônimo de desenvolvimento – mais longe está o acesso ao conhecimento formal. Essa constatação é notória quando nos remetemos às precárias condições das escolas rurais dos interiores do país.

No processo de formação e consolidação das escolas públicas e/ou privadas com a interferência direta do Estado por meio das deliberações curriculares, o conhecimento informal é pouco considerado, quiçá descartado.

Assim, na formação sócia histórica do Brasil a educação formal prevalece sobre a informal, descaracterizando a produção do conhecimento oral. Mesmo que a soma dos anos, seja quantitativamente maior na relação direta dos grupos excluídos e que, portanto se utilizam da transmissão do conhecimento pela história oral, ainda sim, a educação formal se sobrepõe: falamos aqui da população rural (boias-frias) quilombolas e indígenas.

No decorrer dos anos de desenvolvimento econômico e social do país, paulatinamente as escolas formais chegam ás cidades mais distantes das capitais e ás zonas rurais. Várias legislações em diferentes períodos do transcorrer republicano tornaram obrigatória a presença escolar, sobretudo para as crianças. Sabemos que ainda há uma larga distância legal, entre a utopia de um país alfabetizado e a realidade brasileira.

Se na formação das escolas primárias, ou de ensino fundamental, já pode ser considerada uma realidade, pelo menos na luta dos movimentos sociais, o ensino superior ainda mantém distante esta realidade.

3 | RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS ENTRE TRABALHO E EMPREGO

O processo de formação dos mercados nas sociedades capitalistas se constitui intrinsecamente à formação do próprio sistema de produção e consumo.

A constituição é cíclica. Produz-se para que haja consumo e o consumo existe por que há uma produção capaz de atender por meio do fetiche a todos os consumidores, independente da classe social.

Na correlação de forças entre as classes sociais, necessária para a manutenção do sistema, todos são consumidores. Consumimos sonhos, esperanças, desejos, ódios, expectativas, marcas, grifes e produtos nem sempre necessários para a sobrevivência, mas sem dúvida essencial para alimentar o retro processo social.

Neste contexto, o capitalismo acirra as relações de classe e transforma perversamente o trabalho em emprego (FORRESTER:1997). O emprego, como forma remunerada de atividade é a única via para a sensação de pertencimento no mundo do consumo.

O trabalho é um dos elementos essenciais para a formação da cultura e das relações sociais (ANTUNES: 2015). Após a passagem do estado de natureza para o estado de cultura, o *Homem Laborans* compreende que é pelo e para o trabalho que as relações sociais se efetivam.

As relações de trabalho constituem a base das organizações sociais, intrinsecamente vinculados à condição cultural. E é justamente a cultura a responsável pela conservação do trabalho como mecanismo de sociabilização.

Trabalho significa pertencimento e nas sociedades modernas, podemos incluir a condição de cidadania a esse sentimento.

Independente do período histórico, a condição do trabalho sempre implicou diretamente na condução humana alicerçada nas hierarquias sociais. Como uma forma de identidade, o trabalho determina a condição humana e os limites de integração social (ANTUNES:2015).

Nas sociedades primitivas, como descreve Engels (2006), há a relação de trabalho estabelecida entre todos, porém com a necessidade ou a ocorrência da propriedade privada, há a determinação de posse, decorrente dos processos de trabalho. Cabe ao homem, masculino, determinar a partir de sua propriedade privada aquilo que lhe pertence. O pertencimento deste homem é intrínseco ao resultado de seu trabalho.

Os homens possuem mais poder econômico, político e cultural, pois são os que trabalham e, por conseguinte possuem o poder maior de consumo. Ressalta-se aqui a relação de trabalho e emprego ainda não se separam, como forma de garantir a primazia cultural, característica das sociedades ocidentais até o século XX (ENGELS: 2015).

Nessa relação de posse e trabalho, estão os bens duráveis como casas e objetos na mesma proporção que bens humanos, escravos, mulheres e filhos.

É apenas na passagem do século XIX para o XX (no Brasil) que essa condição começa a esboçar a mudança necessária para que haja a construção, insípida de uma cidadania política muito aquém de uma possível cidadania cultural.

No período histórico destacado, as relações de trabalho estão presentes nos grupos politicamente chamados de minorias. O trabalho dos escravos, como a nomenclatura denuncia é estrategicamente apresentado como menor frente às outras relações de trabalhos e ainda sim, contraditoriamente existem as nítidas analogias hierárquicas. Na mesma monta, o trabalho doméstico da mulher pode ser destacado como pertencente à natureza feminina, assim não é trabalho ou como extensão da necessidade provedora do homem, como um apêndice.

Apresenta-se portando, nas relações de trabalho a explícita condição que o trabalho é o veículo de inclusão do ser humano da sociedade e mesmo abarcando a realidade do trabalho no cotidiano, esses grupos são massacrados pela cultura dominante que de forma perversa exclui parte significativa dos grupos sociais por meio da negação dos trabalhos praticados por estes indivíduos (ANTUNES: 2015).

Negros, mulheres, índios e crianças, são para o Brasil do início do século XX pessoas descaracterizadas da condição social, pois não trabalham. Apenas os homens provedores, portanto que possuem trabalho pode ser considerado cidadãos.

Esta lógica, perversa, é ainda mais cruel com a proclamação da República, a democracia representativa determinava que o voto era permitido apenas para os homens maiores de 21 anos, alfabetizados e que comprovavam alistamento.

Anterior a esse período o voto era masculino e censitário.

Apenas nos anos de 1930 é que as mulheres possuem constitucionalmente o direito ao voto e somente em 1988 os analfabetos e índios. À contar o tempo histórico, nossa frágil democracia ainda não completou um século de existência.

O capitalismo que institui o trabalho na condição de emprego segrega tanto o emprego quanto o trabalho, por meio da divisão das classes sociais.

No contexto apresentado, as universidades cumprem um papel essencial para a manutenção da dinâmica deste sistema.

No processo de formação das universidades e/ou escolas no Brasil, temos a certeza que há um projeto político, obviamente ideológico, para a construção dos profissionais que comporão os quadros profissionais, inclusive nas universidades.

Com o propósito explícito da vocação, os profissionais são formados em diferentes profissões escamoteando sonhos de futuros bem sucedidos economicamente.

Muitos empregados buscam a formação universitária com o nítido propósito de empregos e a esperança de melhores salários.

De fato, a formação universitária proporciona ou deveria proporcionar emprego,

prestígio social e em consequência melhores remunerações.

No entanto, a lógica do sistema, nos mostra a trinca no reflexo narcísico. Mesmo com a abertura de novas IES, ainda sim, há a divisão das Universidades por classes e segmentos.

O sistema avança com a inclusão no ensino superior, garantido as relações de trabalho e emprego, simultaneamente ao mercado de trabalho que não emprega o sonho deste profissional.

A circularidade presente coteja a própria contradição do sistema: inclui socialmente e mantém a exclusão moral, culturalmente constituída (FOUCAULT: 2006).

4 | A COISIFICAÇÃO DO DIPLOMA DE CURSO SUPERIOR NO MERCADO DE CONSUMO – O DESAFIO ONTOLÓGICO DA EAD

O fenômeno globalização tem um significativo em todas as áreas da vida contemporânea. Um dos seus efeitos marcantes é a ressignificação de valores e visões de mundo, forçando a criação de mercados diversificados. Este é um dos seus impactos totalizadores que, na condição de cultura dominante, acaba por cobrir o mundo inteiro” (FEATHERSTONE: 1995, p. 21).

A globalização constitui um mercado dicotômico em que emerge as figuras dos consumidores e fornecedores, sendo que o ápice deste processo é a internacionalização do mundo capitalista totalizador (MARX: 2011) com a propagação da soberania do capital (BAUMAN: 1999)

A globalização, ao mesmo tempo em que privilegia as pessoas com potencial de consumo, exclui aqueles que não tem condições econômicas significativas para a aquisição de produtos e serviços no mercado globalizado. Propaga-se, portanto, a soberania do capital (BAUMAN: 1999).

A globalização disseminou uma cultura própria, a de consumo. Nela, há um movimento totalizador no sentido de impulsionar o consumo, com vistas a ativação do desejo de potenciais consumidores (JAMESON: 1999).

Não há consenso se a globalização e o seu conseqüente consumismo seja elemento da cultura bom, ruim ou neutro. A respeito desta percepção, há três modelos classificatórios, a saber: i) o consumismo enquanto alienação, segundo premissas de índole marxista; ii) o consumismo como mecanismo de satisfação das necessidades de consumidores, sendo desta forma um importante vetor na elevação da qualidade de vida; e, por fim, iii) temos a corrente teórica que não considera o consumidor enquanto sujeito passivo e alienado, mas alguém que está no controle de sua vontade. (SILVA: 2012)

Das teses acima apresentadas, esta pesquisa adota a primeira em consonância

com a Escola de Frankfurt (HORKHEIMER; ADORNO: 2009) e da demais representantes da teoria crítica contemporânea. Neste sentido, na visão de mercado, corre-se o risco de a educação apresentar-se como um mero objeto de consumo destinado a satisfazer o próprio mercado, em uma espécie de visão circular.

Na educação, enquanto objeto de consumo, são as leis de mercado que passam a influenciar os consumidores interessados em adquirir serviços educacionais. Provavelmente, o estudo pelo mero prazer (ou o estudo sem finalidade de mercado, mas apenas pela elevação da alma) caminha para algo incompreensível na ótica mercadológica, sobretudo na visão pragmática em que a educação é compreendida como um instrumento de garantia de ingresso no mercado de trabalho (HORKHEIMER; ADORNO: 2006, p. 22).

Com o fetiche da mercadoria, o diploma de curso superior pode transformar-se em uma mera coisa designativa de um *status* de consumo de uma determinada classe de sujeitos que apenas procuraram demonstrar em conquistar potencial de existência no mercado de trabalho (BAUMAN: 1999; BAUMAN: 2013). É algo muito próximo ao velho jargão corporativo: “o sujeito agregou valor ao seu currículo”, ou seja, o mercado de consumo educacional apresenta uma tendência em captar consumidores coisificando o diploma, transformando-o (repita-se) em um instrumento do mercado. Ou seja, uma espécie de salvo-conduto no trânsito nos espaços mercadológicos (BAUMAN: 1997).

O Ensino Superior, sobretudo a EAD, em decorrência de suas características massificadas, deve fugir da coisificação do diploma, sob pena de vinculação da qualidade de seus cursos à rota perversa do mercado. Evitando-se que a estrutura educacional seja uma mera variante das leis de oferta, procura e acomodação mercadológica.

Não há dúvidas de que o desafio é grande. Mas, não deixa de ser urgente e, por conta disso, reclama a participação de todos os atores sociais.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como Sísifo inicia a apresentação deste artigo, o trabalho continua. Erguer a pesada pedra de mármore, diuturnamente, promove para além do cansaço físico a necessidade de pensar sobre a vida, aqui sobre a educação. Para que educamos? Para quem educamos? Qual é a sociedade que pretendemos com a formação que temos nas Universidades? São estas as respostas que pretendemos aguçar.

Temos a clareza da necessidade de debatermos as reflexões aqui propostas. Com um pouco mais de um século de república, temos um pequeno tempo histórico entre o início da educação laica, livre e democrática (de direito) à globalização. Destarte, uma relação insipiente construída com nítidos contornos políticos e ideológicos, a

globalização reflexo dos tempos atuais, nos remete á reflexão das sociedades de consumo, sobretudo nas relações díspares entre as categorias trabalho e emprego.

“Anteriormente tratava-se de saber se a vida devia ter um sentido para ser vivida. Agora parece, pelo contrário, que será tanto melhor vivida quanto menos sentido tive”

Albert Camus

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? - ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: ed Cortez, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1997.

BAUMAN, Zygmunt . *Educação e Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. São Paulo: ed Record, 2004.

ENGELS, F. A origem da família da propriedade privada e do estado. São Paulo: ed Escala, 2006

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: ed UNESP, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: ed Graal, 2006.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *A Indústria Cultural: o iluminismo como mistificação das massas*. In: *Teoria da Cultura de Massa*. Introdução, Comentários e Seleção de Luiz Costa Lima. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *A Teoria Crítica: ontem e hoje*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Eclipse da Razão*. São Paulo: Centauro, 2002.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Teoria Crítica: uma documentação*. Tomo I. São Paulo: Perspectiva, 2006.

JAMESON, Frederic. *O Marxismo Tardio: Adorno, ou a persistência da dialética*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Fundação Editora UNES/Boitempo, 1997.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Trad. Nélio Schneider São Paulo: Boitempo, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A inclusão escolar 1, 11, 16, 17, 32, 34, 35, 36, 39, 48, 50, 64, 68, 116, 117, 147, 148, 234, 235, 245
Altas habilidades/superdotação 89, 90, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 141
Ambiente de escolarização 189
Aprendizados 169, 178, 179, 181, 186
Artes 23, 102, 132, 134, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 279, 285, 291
Atendimento educacional especializado 10, 41, 53, 74, 75, 76, 78, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 112, 119, 121, 131, 147, 151, 201, 203, 204, 209, 210, 224, 229, 233
Atendimento pedagógico domiciliar 119, 120, 130, 131
Autismo 53, 55, 56, 57, 59, 60, 63, 64, 80, 153, 207
Avaliação 77, 85, 93, 95, 99, 102, 103, 123, 132, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 143, 147, 148, 152, 153, 160, 173, 204, 233

C

Comunidades quilombola 220, 225, 231
Corpo 4, 39, 81, 85, 133, 139, 161, 164, 167, 175, 204, 217, 265, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 295, 296, 297, 298, 299

D

Deficiência intelectual 11, 15, 17, 19, 20, 22, 64, 73, 153, 154, 207, 226, 233, 236
Deficiência visual 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 88, 91, 232, 238, 242
Desenho universal 53, 54, 55, 57, 58, 60, 63, 146, 147, 148

E

Educação ambiental 149, 150, 151, 152, 158, 159
Educação decolonial 211, 212
Educação no brasil 24, 25
Educação sexual 47, 163, 168, 246, 247, 276, 278, 296, 298, 300
Ensino fundamental 11, 15, 26, 77, 108, 109, 115, 116, 142, 148, 178, 184, 195, 211, 221, 232, 236, 297
Escola do campo 169, 172, 177
Escolarização 47, 59, 130, 140, 141, 147, 175, 177, 189, 192, 199, 220, 221, 223, 228, 229, 232
Étnico-racial 117, 160, 168
Exclusão 1, 18, 24, 29, 33, 34, 37, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 67, 78, 79, 82, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 174, 175, 191, 231, 247, 276

G

Gênero 32, 33, 34, 39, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 115, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 168, 175, 190, 250, 270, 276, 277, 278, 279, 283, 284, 287, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299

Gestão escolar 108, 109, 110, 114, 116, 140

Gestores 17, 111, 116, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 220, 231

H

Humanística 160

I

Identidades 7, 26, 53, 57, 61, 62, 71, 168, 288, 294, 297, 298, 299

Inclusão de surdos 105, 258, 261

Inclusão escolar 1, 11, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 48, 49, 50, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 76, 94, 95, 116, 117, 128, 135, 140, 142, 143, 147, 148, 184, 187, 188, 190, 194, 200, 209, 220, 221, 225, 232, 233, 234, 235, 245

Inclusão social 4, 22, 37, 60, 108, 109, 110, 116, 129, 148, 149, 151, 174, 175, 200, 225

Institucionalização 25, 114, 118, 201, 204, 206, 207, 208, 210, 251

L

Libras 96, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 244, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

Linguística 101, 106, 244, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 267, 271, 275

M

Mediador escolar 1, 6, 7

N

Necessidades especiais 13, 14, 16, 18, 21, 22, 71, 72, 116, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 185, 191, 236, 246

Nome social 32, 34, 48, 50, 51, 52

P

Pae 140, 141, 142, 146, 147

Pertencimento 27, 54, 57, 61, 189, 199, 216

Política 6, 7, 9, 25, 28, 36, 37, 45, 46, 48, 50, 73, 75, 76, 78, 85, 89, 93, 95, 97, 98, 105, 106, 110, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 121, 129, 130, 187, 191, 199, 200, 203, 204, 208, 209, 210, 218, 225, 229, 231, 232, 246, 261, 266, 271, 275, 288, 297

Processo de brincar 1, 8

Psicologia escolar 52, 169, 170, 171, 172, 177, 189, 194, 195, 199, 200

Psicologia histórico-cultural 65, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 169, 177

R

Rede de ensino básico 87

S

Sexualidade 39, 47, 51, 239, 240, 241, 247, 276, 277, 278, 279, 280, 283, 287, 288, 289, 292, 295, 296, 297, 298, 299, 300

Superior 13, 26, 29, 30, 73, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 111, 115, 134, 137, 138, 161, 162, 163, 164, 202, 208, 209, 218, 242, 259, 262, 270, 275, 280, 292

T

Técnico e tecnológico 87

Tecnologias assistivas 9, 53, 54, 92, 220, 221, 222, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 233

Transexuais 32, 34, 37, 50, 51, 52

Travestis 32, 34, 37, 50, 51, 52

U

Universidade 1, 11, 24, 31, 65, 73, 95, 108, 117, 118, 119, 132, 136, 139, 140, 149, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 177, 183, 189, 200, 220, 222, 232, 233, 234, 246, 247, 248, 258, 259, 261, 262, 263, 270, 275, 296, 300

 **Atena**
Editora

2 0 2 0